

**PARA O ESTUDO DA MEMÓRIA DO PCB: A INFLUÊNCIA DO  
PENSAMENTO ANTIDIALÉTICO DE MAO TSE-TUNG NA ESTRATÉGIA  
POLÍTICA DO PCB (“DECLARAÇÃO DE MARÇO” DE 1958, RESOLUÇÕES  
DO 5º E 6º CONGRESSOS)**

*Anita Leocadia Prestes\**

Recebido em: 05/11/2011 Aprovado em: 09/12/2011
--

**Resumo:** *A partir da análise e da comparação do pensamento antidialético de Mao Tse-Tung sobre as contradições com as teses da dialética materialista enunciadas por C.Marx, F.Engels e V.Lenin, é abordada a influência das concepções do líder da Revolução Chinesa na estratégia política do PCB, expressa, a partir de 1958, em seus principais documentos.*

**Palavras-chave:** *Mao Tse-Tung, Lenin, contradições, dialética marxista, PCB.*

Nos escritos de Mao Tse-Tung ocupam um lugar de destaque suas teses sobre a *contradição*, entendidas pelos seguidores do líder revolucionário chinês como uma contribuição significativa para o desenvolvimento da teoria marxista-leninista e, em particular, para o aprofundamento das concepções filosóficas dos clássicos do pensamento marxista, C. Marx, F. Engels e V. Lenin.

A comparação cuidadosa das concepções filosóficas presentes nos escritos de Mao Tse-Tung com as desenvolvidas nas obras dos clássicos do marxismo nos revela, entretanto, algo distinto. Para Mao, a *contradição* é entendida como uma simples contraposição de tendências opostas, uma descrição simplista e empírica de elementos opostos, esvaziando a dialética materialista (marxista) do seu verdadeiro sentido, definido por Marx, Engels e Lenin. Mao não percebeu que a luta dos contrários não só condiciona o movimento de todos os fenômenos como garante o processo de desenvolvimento, que se dá não apenas através da transformação da quantidade em qualidade, como de um *movimento em espiral*. Em outras palavras, da luta dos contrários surge algo novo, que não é uma simples afirmação de um dos contrários ou daquele contrário *novo* e mais avançado, mas uma síntese inovadora, que, em certa medida, conserva elementos de ambos os contrários do fenômeno em questão. Trata-se da *negação da negação*.

---

\* Professora do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

Mao nega a *lei da dialética da negação da negação*, afirmada por Marx, Engels e Lenin. Como muitos críticos da dialética marxista, identifica a lei da *negação da negação* com a tríade (tese, antítese e síntese) de Hegel, esta, sim, uma concepção idealista. Como veremos, recorrendo aos clássicos, a lei da *negação da negação* na dialética marxista tem caráter materialista e, portanto, expressa a reviravolta realizada por Marx na dialética hegeliana. Como é sabido, Marx, a partir da dialética idealista de Hegel, fundou a dialética materialista. Mao rejeita abertamente a lei da *negação da negação*. Chega a dizê-lo explicitamente, declarando sua discordância com Engels:

*Engels falou sobre as três categorias, mas eu não acredito em duas delas. (A unidade dos contrários é a lei mais básica, a transformação mútua de qualidade e quantidade é a unidade dos contrários qualidade e quantidade, e a negação da negação não existe.) A justaposição, no mesmo nível, da transformação da qualidade e quantidade uma na outra, da negação da negação, e a lei da unidade dos contrários é “triplicismo”, não monismo. A coisa mais básica é a unidade dos contrários. A transformação de qualidade e quantidade uma na outra é a unidade dos contrários qualidade e quantidade. (MAO, 2008, p.225; grifos meus)*

Observe-se que Mao está se contrapondo à explanação de Engels, no **Anti-Dühring**, da lei da dialética materialista da *negação da negação*. Para Mao, os contrários, ao interagirem entre si, um liquida o outro, e aquele que é o novo e o vitorioso, vai constituir a nova unidade de contrários. Mao desmente a dialética materialista, que, conforme os clássicos do marxismo, se caracteriza pelo fato de a luta dos contrários num determinado fenômeno constituir o processo de transformações quantitativas, que, num determinado momento, leva a um salto de qualidade, cujo resultado é o surgimento de um outro fenômeno com características distintas do primeiro, mas que não é simplesmente a repetição (e/ou a vitória de um dos contrários) do fenômeno anterior, mas um novo fenômeno que repete algumas características do anterior, ou seja uma nova síntese. Trata-se de um *movimento em espiral*, que caracteriza justamente o desenvolvimento de acordo com a dialética materialista.

Dando continuidade à sua crítica de Engels, Mao escreve:

*Não existe a negação da negação. Afirmação, negação, afirmação, negação... No desenvolvimento das coisas, cada elo na cadeia de eventos*

*é ao mesmo tempo afirmação e negação. A sociedade escravista negava a sociedade primitiva, mas com referência à sociedade feudal ela constituía, por sua vez, afirmação. A sociedade feudal constituía a negação em relação à sociedade escravista, mas era por sua vez a afirmação com referência à sociedade capitalista. A sociedade capitalista era a negação em relação à sociedade feudal, mas é, por sua vez, a afirmação em relação à sociedade socialista. (Idem, p.225; grifos meus)*

Neste trecho transparece a concepção distorcida da dialética marxista apresentada por Mao. Assim, ele não reconhece, por exemplo, que a sociedade capitalista, embora resulte das contradições presentes no feudalismo, não é uma simples negação deste último, mas uma nova síntese, em que estão presentes aspectos das sociedades anteriores, mas transformados, num nível distinto, num movimento em espiral, que justamente se dá de acordo com a lei da *negação da negação*.

O *simplismo* de Mao evidencia-se, por exemplo, quando ele escreve a respeito da *síntese*:

*O que é a síntese? Todos vocês presenciaram como os dois contrários, o Koumintang e o Partido Comunista, foram sintetizados no campo. A síntese ocorreu assim: os exércitos deles vieram, e nós os devoramos, pedaço a pedaço. Não foi o caso de dois se combinando em um (...) Uma coisa comendo a outra, o peixe grande comendo o peixe pequeno, isso é síntese. (...) (Idem, p. 222, 223)*

*Numa palavra, uma devora a outra, uma derruba a outra, uma classe é eliminada, outra surge, uma sociedade é eliminada, outra aparece. (Idem, p.226)*

Pode-se perceber que, para Mao, a luta dos contrários significa que um deles liquida o outro e, dessa maneira, vai determinar o fenômeno novo com novos contrários. Mao não percebe a interação dialética entre os contrários, interação esta que acarreta transformações quantitativas no fenômeno em questão, as quais, num determinado momento provocam uma mudança de qualidade, um *salto qualitativo*. Surge, então, um novo fenômeno com novos contrários, mas este fenômeno novo preserva aspectos do anterior, mas em um novo nível: é o desenvolvimento em forma de espiral, é a *negação da negação*.

A leitura de outros textos de Mao revela essa concepção distorcida da dialética marxista, mas de forma menos explícita, o que, por vezes, dificulta sua observação. Em **Sobre as contradições**, Mao escreve:

*O que significa o aparecimento de um novo processo? A velha unidade, com seus contrários constituintes, cede lugar a uma nova unidade, com seus contrários constituintes, em que um novo processo aparece para substituir um antigo. O velho processo termina e o novo começa. O novo processo contém novas contradições e começa sua própria história do desenvolvimento das contradições. (Idem, p. 93)*

Engels, no **Anti-Dühring**, dedica todo um capítulo à *negação da negação*, onde, por sinal, cita amplamente Marx em **O Capital**. Entre outras citações de Marx:

*O regime capitalista de produção e de apropriação, ou, o que vem a significar a mesma coisa, a propriedade privada capitalista, é a primeira negação da propriedade privada individual, baseada no trabalho do próprio produtor. A negação da produção capitalista surge dela própria, pela necessidade imperiosa de um processo natural. É a negação da negação. (ENGELS, 1990, p.114; grifos meus)*

Engels escreve sobre a *negação da negação*:

*É uma lei extraordinariamente geral e, por isso mesmo, extraordinariamente eficaz e importante, que preside ao desenvolvimento da natureza, da história e do pensamento; uma lei que, como já vimos, se impõe no mundo animal e vegetal, na geologia, nas matemáticas, na história e na filosofia. (Idem, p.120)*

A seguir, rebatendo argumentos dos metafísicos (e pareceria que respondendo a Mao), Engels escreve:

*Negar, em dialética, não consiste pura e simplesmente em dizer não, em declarar que uma coisa não existe, ou em destruí-la por capricho. (...) Não se trata apenas de negar, mas de anular novamente a negação. Assim, a primeira negação será de tal natureza que torne possível ou permita que seja novamente possível a segunda negação. (Idem, p. 120-121; grifo do autor)*

Engels dá alguns exemplos e acrescenta:

*Mas é evidente que não pode sair nada de um processo da negação da negação que se limite apenas à puerilidade de escrever num quadro negro um A, e logo depois apagá-lo, ou a dizer que uma rosa é uma rosa para, logo em seguida, dizer que não é. Somente se poderia provar, dessa forma, a idiotice de quem se entrega a tais divagações. (...) Hegel nada mais fez que formular nitidamente, pela primeira vez, esta lei da negação da negação, lei que atua na natureza e na História, como atuava, inconscientemente, em nossos cérebros, muito antes de ter sido descoberta. (Idem, p. 121; grifo do autor)*

Lenin, em **Quem são os “amigos do povo” e como lutam contra os social-democratas?** (1894), com base no **Anti-Dühring** de Engels, escreve: “Todo aquele que tenha lido a definição e a descrição do método dialético que oferece Engels (...) ou Marx (...) terá visto que em absoluto não se fala ali das tríades de Hegel” (LENIN, 1975, v.1, p.165), afirmando ainda : “(...) como é absurdo acusar o marxismo de dialética hegeliana” (Idem, p.175)<sup>1</sup>.

Da mesma forma, Lenin, em **Um passo adiante, dois passos atrás** (1904), ao examinar a luta de tendências que se desenrolava no POSDR (Partido Operário Social-Democrata Russo), afirmava:

*Nada podrá entender-se en nuestra lucha sin estudiar las condiciones concretas de cada batalla. Y, al estudiarlas, veremos bien claro que, en efecto, su desarrollo sigue la via dialéctica, la via de las contradicciones: la minoría se convierte en mayoría, la mayoría en minoría; cada beligerante pasa de la defensiva a la ofensiva y a la inversa: “se niega” el punto de partida de la lucha ideológica (artículo primero), cediendo su puesto a las querellas, que lo llenan todo, pero luego empieza “la negación de la negación”, y “congeniando” mal que bien, en los diversos organismos centrales, con la mujer que Dios le ha dado a uno, volvemos al punto de partida de la lucha puramente ideológica. Pero esta “tesis” está ya enriquecida por todos los resultados de la “antítesis” y se ha elevado a síntesis superior, cuando el error aislado y casual del artículo primero se ha convertido en un casi-sistema de concepciones oportunistas sobre el problema de organización, cuando para todo el mundo es cada vez más evidente la relación que guarda este fenómeno con la división fundamental de nuestro partido en ala revolucionaria y ala oportunista. En una palabra, no sólo crece la cebada a lo Hegel, sino que los socialdemócratas rusos luchan entre si también a lo Hegel. (LENIN, 1961, t.1, p. 461-462)*

Vejamos ainda o que Lenin escreve, em **Carlos Marx** (1914), sobre a *idéia do desenvolvimento*, da evolução, formulada por Marx e Engels:

*Es un desarrollo que parece repetir las etapas ya recorridas, pero de outro modo, sobre una base más alta (la “negación de la negación”); un desarrollo que no discurre en línea recta, sino em espiral, por decirlo así; un desarrollo a saltos, a través de catástrofes y de revoluciones, que son otras tantas “interrupciones en el proceso gradual”, otras tantas transformaciones de la cantidad en calidad; impulsos internos del desarrollo originados por la contradicción, por el choque de las diversas fuerzas y tendencias que actúan sobre um determinado cuerpo o en los limites de um fenómeno concreto, o en el seno de una sociedade dada; interdependencia e íntima e inseparable concatenación de todos los aspectos de cada fenómeno (con la particularidad de que la historia pone constantemente de manifiesto aspectos nuevos), concatenación que ofrece un proceso único y lógico universal de movimiento: tales son algunos rasgos de la dialéctica, doctrina del desarrollo mucho más compleja y rica que la teoría corriente. (Idem, v. 1, p. 31-32; grifo do autor)*

Lenin em **Sobre a questão da dialética** (1915), ao expor sinteticamente a dialética marxista (materialista), assinala:

*O conhecimento humano não é (...) uma linha reta, mas uma linha curva, que se aproxima infinitamente a uma série de círculos, a uma espiral. Todo fragmento, segmento, seção dessa linha curva pode ser transformado (unilateralmente transformado) em uma linha reta autônoma, inteira, que (se por trás das árvores não se enxergar o bosque), leva então ao pântano, ao obscurantismo clerical (em que ela é consolidada pelo interesse de classe das classes dominantes). (LENIN, 1977, v.29, p. 322; 1º grifo meu; 2º grifo do autor)<sup>2</sup>*

Ao compararmos os escritos de Mao *sobre as contradições* com os dos clássicos, evidencia-se sua concepção antidialética da filosofia marxista, uma vez que o dirigente chinês não parte da compreensão *materialista dialética* do processo de desenvolvimento de todos os fenômenos e, em particular, dos fenômenos sociais. Vale lembrar que Marx, Engels e Lenin escreveram sobre *classes antagônicas* e não sobre *contradições antagônicas*. Consultando, por exemplo, as **Obras Completas** de Lenin, encontramos referências a “classes antagônicas” (v.1, p. 138), ao “antagonismo do regime capitalista”, (v.1, p. 465), ao “aguçamento e ampliação” das contradições do capitalismo

(v.2, p. 180), à “natureza antagônica” do capitalismo (v.3, p. 599), ao “antagonismo de classe entre o proletariado e outras classes” (v.4, p. 332), ao “antagonismo entre a burguesia e o proletariado” (v. 25, p. 264)<sup>3</sup>. Mas, nas obras dos clássicos do marxismo, não encontramos a separação e, inclusive, a hierarquização das contradições sociais, conforme postula Mao Tse-Tung.

Na realidade, as diversas contradições estão sempre profundamente entrelaçadas entre si, sendo impossível separá-las, com o intuito de resolvê-las por partes, por etapas, segundo o pensamento de Mao, para quem as contradições podem ser subdivididas em antagônicas e não antagônicas, principais e fundamentais, assim como não fundamentais, etc. (Cf. MAO, 2008, “Sobre a contradição”).

Um bom exemplo desse entrelaçamento das contradições presentes numa estrutura social pode ser o existente na realidade brasileira. No Brasil, ao lutar-se contra o imperialismo se está lutando contra o capitalismo e também contra todo tipo de relações pré-capitalistas ainda existentes. Apreciar as contradições da sociedade brasileira separadamente seria artificial e não contribuiria para o desenvolvimento do processo revolucionário. Este certamente irá transcorrer através da *transformação quantitativa* dos diversos conflitos presentes na sociedade até que seja possível o *salto qualitativo (a revolução)*, que superará tais conflitos, gerando outros. *Será a negação da negação*. Tentar separar e hierarquizar as contradições para resolvê-las por etapas é cair na metafísica, significa, em nome da dialética, tentar justificar uma determinada política (em geral reformista). O pensamento de Mao é tautológico, limita-se à descrição de uma série de conflitos, à afirmação de truísmos, sem, entretanto, explicar o processo de desenvolvimento dos fenômenos sociais, o processo materialista-dialético.

O exemplo brasileiro é significativo. Devido à enorme repercussão da Revolução Chinesa nos países do Terceiro Mundo, nos anos 1950/60, a influência generalizada do pensamento de Mao Tse-Tung contribuiu decisivamente para que o PCB adotasse uma estratégia política baseada na separação e na hierarquização das contradições da sociedade brasileira, de acordo com as concepções antidialéticas do líder chinês.

Quando se compara a “Declaração de Março” de 1958 (PCB, 1980), aprovada pela direção do PCB, com alguns dos seus mais importantes documentos anteriores, como as Resoluções do 4º Congresso (1954) e o Programa do partido (PRESTES, 1954; **PROGRAMA DO PCB**, 1954), percebemos que tal preocupação com a classificação

das contradições da sociedade brasileira, ausente em 1954, adquire grande destaque após a realização do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, ocasião em que seu prestígio ficou profundamente abalado, provocando grave crise no movimento comunista internacional. Surgiam assim as condições propícias para que as teorias advindas do líder de um processo revolucionário vitorioso como o chinês adquirissem especial aceitação.

Na “Declaração de Março” de 1958 afirmava-se:

*Como decorrência da exploração imperialista norte-americana e da permanência do monopólio da terra, a sociedade brasileira está submetida, na etapa atual de sua história, a duas contradições fundamentais. A primeira é a contradição entre a nação e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos. A segunda é a contradição entre as forças produtivas em desenvolvimento e as relações de produção semifeudais na agricultura. O desenvolvimento econômico e social do Brasil torna necessária a solução dessas duas contradições fundamentais. (PCB, 1980, p. 12-13; grifos meus)*

A separação das contradições e a sua hierarquização levava o PCB a justificar uma *etapa específica* dentro do processo revolucionário brasileiro, nos marcos da qual deveriam ser eliminados dois supostos obstáculos ao desenvolvimento da sociedade brasileira: o imperialismo norte-americano e as “relações de produção semifeudais na agricultura”. Reconhecia-se ainda a presença de uma *terceira contradição*, “entre o proletariado e a burguesia, que se expressa nas várias formas da luta de classes entre operários e capitalistas”. Mas, a seguir, declarava-se que “esta contradição não exige uma solução radical na etapa atual. Nas condições presentes de nosso país, o desenvolvimento capitalista corresponde aos interesses do proletariado e de todo o povo.” (Idem, p. 13)

A partir de semelhante análise, marcada pelas concepções antidualéticas do pensamento maoísta sobre as contradições, o PCB traçava sua estratégia política:

*A revolução no Brasil, por conseguinte, não é ainda socialista, mas anti imperialista e antifeudal, nacional e democrática. A solução completa dos problemas que ela apresenta deve levar à inteira libertação econômica e política da dependência para com o imperialismo norte-americano; à transformação radical da estrutura agrária, com a liquidação do monopólio da terra e das relações pré-capitalistas de*



*trabalho; ao desenvolvimento independente e progressista da economia nacional e à democratização radical da vida política.* (Idem, p. 13; grifos meus)

Dessa forma, justificava-se uma estratégia baseada na ideologia *nacional-libertadora*, ou *nacional-desenvolvimentista*, de acordo com a qual seria viável um capitalismo autônomo no Brasil. Não se percebia que a burguesia industrial brasileira havia se associado, em posição subordinada, aos grupos monopolistas estrangeiros, tornando inviável, como os acontecimentos posteriores acabariam mostrando, qualquer aposta em um desenvolvimento independente para o Brasil (PRESTES, 2010, p.151).

No mesmo documento, afirmava-se ainda que “a contradição entre a nação em desenvolvimento e o imperialismo norte-americano e os seus agentes internos tornou-se a *contradição principal* da sociedade brasileira”. Considerava-se, portanto, que entre as duas supostas contradições *fundamentais* uma seria *principal*. A conclusão disso decorrente era formulada da seguinte maneira: “O golpe principal das forças nacionais progressistas e democráticas se dirige, por isto, atualmente, contra o imperialismo norte-americano e os entreguistas que o apóiam” (PCB, 1980, p. 13).

Estamos diante de uma teorização consagradora da visão etapista da revolução brasileira, de acordo com a qual não se percebia algo que havia sido levantado ainda no final da década de 1920 por José Carlos Mariátegui: o caráter socialista da revolução na América Latina, embora o revolucionário peruano registrasse a necessidade de considerar as peculiaridades do capitalismo em cada país do nosso continente e defendesse a luta por um socialismo que não fosse “nem cópia nem decalque, mas sim invenção heróica” dos nossos povos (MARIÁTEGUI, 2008, p.153). A respeito, escrevia Mariátegui:

*Sin prescindir del empleo de ningún elemento de agitación anti-imperialista, ni de ningún medio de movilización de los sectores sociales que eventualmente pueden concurrir a esta lucha, nuestra misión es explicar y demostrar a las masas que sólo la revolución socialista opondrá al avance del imperialismo una valla definitiva y verdadera.* (Idem, p. 51)

Sem negar que a revolução socialista constitui um processo, que em cada país terá suas particularidades, Mariátegui verificara que, no século XX, o imperialismo

penetrara profundamente e se articulava estreitamente com as diversas relações de produção existentes em cada nação do continente latino-americano. Tornara-se, portanto, impossível derrotar o imperialismo sem avançar no caminho da revolução socialista. O problema era, e continua sendo, *como*, na prática, empreender tal caminho sem desviar-se para o etapismo e o conseqüente reformismo, de acordo com o qual a solução revolucionária acaba sendo abandonada (BORON, 2010).

As principais teses presentes na “Declaração de Março” de 1958 seriam reafirmadas no 5º Congresso do PCB, realizado em 1960, e no seu 6º Congresso, realizado em 1967. Na Resolução Política do 5º Congresso, repetia-se, com ligeiras mudanças, o que se afirmava em 1958:

*A sociedade brasileira encerra duas contradições fundamentais que exigem solução radical na atual etapa histórica de seu desenvolvimento. A primeira é a contradição entre a Nação e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos. A segunda é a contradição entre as forças produtivas em crescimento e o monopólio da terra, que se expressa, essencialmente, como contradição entre os latifundiários e as massas camponesas. (PCB, 1980, p.47-8; grifos meus)*

Nessa Resolução Política, destacava-se, como supostamente “*principal, dominante*” a uma das duas contradições fundamentais nomeadas: “a contradição entre a nação brasileira e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos”. (Idem, p. 49; grifos meus) Mas considerava-se que “a contradição antagônica entre o proletariado e a burguesia, inerente ao capitalismo, é também uma *contradição fundamental* da sociedade brasileira”. Dessa forma, afirmava-se a presença de *três contradições fundamentais*, sendo que a terceira não exigiria “solução radical e completa na atual etapa da revolução, uma vez que, na presente situação do País, não há condições para transformações socialistas imediatas”. Como conclusão, reafirmava-se a estratégia política definida em 1958: “Em sua atual etapa, a revolução brasileira é *anti-imperialista e antifeudal, nacional e democrática.*” (Idem, p. 48; grifos meus)

Na Resolução Política do 6º Congresso do PCB (1967), as teses sobre as contradições da sociedade brasileira, ligeiramente reformuladas, são reafirmadas:

*A contradição fundamental entre as necessidades de desenvolvimento e o sistema de dominação imperialista e a exploração latifundiária deve ser*

*resolvida para possibilitar o avanço progressista da sociedade brasileira. O maior empecilho à solução dessa contradição é a aliança política entre o imperialismo e a reação interna. (PCB, 1980, p. 172; grifos meus)*

Também é reafirmada a estratégia da revolução brasileira:

*A revolução brasileira, em sua presente etapa, deverá liquidar os dois obstáculos históricos que se opõem ao progresso da nação: o domínio imperialista e o monopólio da terra. Ela é, assim, nacional e democrática. Devido à preponderância do fator nacional, a direção do golpe principal está voltada contra o imperialismo, particularmente o norte-americano, e seus agentes internos. (Idem, p. 172; grifos meus)*

A influência do pensamento antidialético de Mao Tse-Tung nas formulações dos documentos partidários, a partir de 1958, contribuiu para a afirmação do reformismo nas fileiras do PCB, o qual “se explicitava, principalmente, por meio da ideologia do nacional-desenvolvimentismo e da concepção da revolução em etapas” (PRESTES, 1980, p.162, 55-9). Como advertiu E. Hobsbawm, “o perigo real para os marxistas é o de aceitar o nacionalismo como ideologia e programa, ao invés de encará-lo realisticamente como um fato, uma condição de sua luta como socialista” (HOBSBAWM, 1980, p.310).

**FOR THE STUDY OF THE MEMORY OF PCB (BRAZILIAN COMMUNIST PARTY): THE INFLUENCE OF MAO ZEDONG’S ANTI-DIALECTIC THINKING IN THE POLITICAL STRATEGY OF THE PCB (“MARCH DECLARATION” OF 1958, RESOLUTIONS OF THE 5<sup>th</sup> AND 6<sup>th</sup> CONGRESSES)**

**Abstract:** *Based on the analysis and comparison of the anti-dialectic thinking of Mao Zedong on the contradictions of the materialistic dialectic thesis of C. Marx, F. Engels and V. Lenin, the influence of the concepts of the leader of the Chinese Revolution on the political strategy of the PCB is addressed, as expressed in its principal documents since 1958.*

**Keywords:** *Mao Zedong; Lenin; contradictions; Marxist dialectics; PCB.*

**Referências Bibliográficas**

- BORON, Atílio. Estudio introductorio. *In*: LUXEMBURGO, R. **Reforma social o revolución?** Buenos Aires: Ediciones Luxemburg, 2010.
- ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HOBBSAWM, Eric J. Nacionalismo e marxismo. *In*: Pinsky, J. (Org.). **Questão nacional e marxismo**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980, p.294-323.
- LENIN, V.I. **Obras Completas**. (Em russo). 5ª edição. Moscou: Editora de Literatura Política, 1975, v.1; 1977, v.29.
- \_\_\_\_\_. **Obras Escogidas en tres tomos**. Moscú, Editorial Progreso, 1961, t.1.
- MAO, Tse-tung. **Sobre a prática e a contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- \_\_\_\_\_. Sobre a contradição. *In*: Mao Tse-Tung, **Sobre a prática e a contradição**. Op. cit., p.83-126.
- \_\_\_\_\_. Sobre a prática: sobre a relação entre conhecimento e prática, entre saber e fazer. *In*: Mao Tse-Tung, **Sobre a prática e a contradição**. Op. cit., p.64-82.
- \_\_\_\_\_. Sobre o modo correto de lidar com as contradições em meio do povo. *In*: Mao Tse-Tung, **Sobre a prática e a contradição**. Op. cit., p.161-203.
- \_\_\_\_\_. Conversa sobre questões de filosofia. *In*: Mao Tse-Tung, **Sobre a prática e a contradição**. Op. cit., p.207-30.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. **Escritos fundamentales**. Buenos Aires, Acercádonos Ediciones, 2008.
- PCB: vinte anos de política, 1958-1979 (documentos)**. São Paulo, LECH – Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.
- PRESTES, Anita Leocadia. **Os comunistas brasileiros (1945-1956/58): Luiz Carlos Prestes e a política do PCB**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2010.
- PRESTES, Luiz Carlos. Sobre o Programa do PCB (Informe ao Pleno do CN, dez./1953). **Problemas**, n. 54, fevereiro de 1954, p.29 a 43.
- PROGRAMA DO PCB**. **Problemas**, n.64, dezembro de 1954, p.19 a 46.

## Notas

---

<sup>1</sup> Tradução do russo feita pela autora do artigo.

<sup>2</sup> Tradução do russo feita pela autora do artigo.

<sup>3</sup> Tradução do russo feita pela autora do artigo.

---

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.